

# USO DE PLATAFORMAS DIGITAIS PARA FACILITAR RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS NA PANDEMIA DA COVID-19

*Data de submissão: 20/02/2024*

*Data de aceite: 01/04/2024*

### **Ester Mascarenhas Oliveira**

Universidade de Brasília (UnB), Programa  
de Pós Graduação em Enfermagem  
Brasília- DF  
<http://lattes.cnpq.br/9732593009769658>

### **Daniella Caetano Freitas Faustino**

Centro Universitário de Brasília  
(UnICEUB)  
Brasília – DF  
<https://orcid.org/0000-0002-4131-8707>

### **Giovanna Louise Bomfim de Souza**

Centro Universitário de Brasília  
(UnICEUB)  
Brasília – DF  
<https://orcid.org/0000-0001-5638-5390>

### **Cleuma Sueli Santos Suto**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB),  
Departamento de Educação  
Senhor do Bonfim – Bahia  
<https://orcid.org/0000-0002-6427-5535>

### **Luciana Neves da Silva Bampi**

Universidade de Brasília (UnB), Programa  
de Pós-graduação em Enfermagem  
Brasília- DF  
<http://orcid.org/0000-0003-0792-759x>

### **Vanessa Alvarenga Pegoraro**

Centro Universitário de Brasília –  
UnICEUB  
Brasília – DF  
<https://orcid.org/0000-0001-6629-7378>

### **Hellen Torres Coelho**

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB  
Brasília - DF  
<https://orcid.org/0000-0002-2526-3144>

### **Tiago Bahia Fontana**

Ministério da Saúde, Secretaria de  
Informação e Saúde Digital  
Brasília-DF  
<http://lattes.cnpq.br/4850978708691576>

### **Sálem Ramos de Almeida**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
Senhor do Bonfim – BA  
<https://orcid.org/0000-0002-2390-5799>

**RESUMO:** Objetivo: Identificar os comportamentos sexuais de usuários(as) de plataformas digitais para relacionamento afetivo/sexual em tempos de pandemia. Método: pesquisa de natureza qualitativa que envolveu a aplicação de um questionário semiestruturado via plataforma do Google Formulário®. Foram investigadas(os)

75 usuários(as) das redes de comunicação utilizando-se da técnica *snowball sampling*. Resultados: O distanciamento social prejudicou as relações sexuais/ afetivas e as tecnologias digitais foram vistas como facilitadoras para sua manutenção. Considerações Finais: Evidenciou-se que as relações por meios digitais não suprimiram por completo a necessidade de prazer e a falta do contato corpo a corpo o que implicou em sofrimento psicológico nas(os) participantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade; COVID-19; Tecnologia Digital; Aplicativos Móveis; Saúde Mental.

## USE OF DIGITAL PLATFORMS TO FACILITATE AFFECTIVE-SEXUAL RELATIONSHIPS IN THE COVID-19 PANDEMIC

**ABSTRACT:** Objective: To identify the sexual behaviors of users of digital platforms for affective/sexual relationships in times of pandemic. Method: qualitative research that involved the application of a semi-structured questionnaire via the Google Form® platform. 75 users of communication networks were investigated using the snowball sampling technique. Results: Social distancing harmed sexual/affective relationships and digital technologies were seen as facilitating their maintenance. Final Considerations: It was evident that relationships through digital means did not completely meet the need for pleasure and the lack of body-to-body contact, which resulted in psychological suffering in the participants.

**KEYWORDS:** Sexuality; COVID-19; Digital Technology; Mobile Applications; Mental health.

### INTRODUÇÃO

O SARS – Cov – 2 (*severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*) foi considerado o vírus que provoca a doença COVID-19 (*coronavirus disease 2019*) classificada como pandemia. O Ministério da Saúde brasileiro realizou medidas para conter a disseminação, porém, a transmissão comunitária da doença propiciou a presença do vírus em todas as localidades (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

A COVID-19 é, sem dúvida, um problema de saúde pública mundial, com rápidos avanços sobre o conhecimento do patógeno e do processo de adoecimento, com grande velocidade de propagação da doença. Por este motivo, a principal medida preconizada para minimizar a disseminação da infecção foi o isolamento social. Nesse contexto, nos dois anos iniciais da pandemia, inúmeras pessoas permaneceram em quarentena isoladas em domicílio, os países decretaram o encerramento de atividades dos comércios, escolas e locais com possibilidade de aglomeração. Para diversas pessoas tarefas cotidianas foram alteradas e a rotina da vida se tornou duvidosa (RAO; BANERJEE, 2020).

A partir deste cenário, as pessoas buscaram novos meios de obter contato social e as plataformas on-line se tornaram protagonistas nesse cenário. Logo, quase todos os aspectos da vida social como educação, atendimento médico e psicológico, trabalho, reuniões de amigos e familiares foram redirecionados por meio de aplicativos de videoconferência. A vivência da sexualidade não fugiu desse contexto (RAO; BANERJEE, 2020; LLEWELLYN, 2020).

Diante dos acontecimentos, a preocupação com a saúde mental tornou-se premente, intensificou-se o investimento científico em pesquisas e artigos foram publicados para elucidar os impactos da pandemia nas relações sociais e na saúde mental das pessoas. De forma geral, os principais achados apontam para riscos no desenvolvimento de distúrbios agudos de estresse, insônia, sofrimento emocional, transtornos de humor, sintomas depressivos, ansiedade, estresse, frustração, tédio e solidão (USHER; BHULLAR; JACKSON, 2020). Embora a temática da sexualidade tenha uma grande importância social, no Brasil, publicações com esse tema no período da pandemia por COVID19 são praticamente inexistentes.

A sexualidade é construída a partir de experiências e aprendizados baseados em elementos sociais, culturais e históricos. A sexualidade está associada aos acontecimentos sociais e limitá-la ao sexo biológico e a reprodução é negar sua abrangência, pois esta é resultante dos sentidos e valores de cada um, de sua conduta, dos prazeres que conhece e aspira seus sentimentos, mas também dos aspectos culturais da sociedade moderna (CAVALHEIRO; SOARES; MAIO, 2019).

Baseando-se nesses pressupostos e diante do contexto atual, faz-se pertinente um breve olhar sobre as mudanças na vivência da sexualidade e a popularização da internet. A partir dos anos 2000, com o surgimento de aparelhos celulares *smartphones*, com novas funcionalidades, se tornou possível produzir e compartilhar fotografias, gravações e mensagens. A moderna cultura digital, trouxe consigo a possibilidade de tornar pública as relações sociais, opiniões, conteúdo próprio e de interesse, a vida pessoal e especialmente uma maior exposição do corpo e das vivências sexuais (RIBEIRO NETO; CECCARELLI, 2015).

Diante das diversas questões que envolvem as mudanças na vivência da sexualidade no contexto do acesso à internet, chama atenção a preocupação com disseminação de conteúdo pornográfico, o surgimento de uma nova modalidade de relações sexuais - cibersexo - e o risco de abuso digital nos relacionamentos afetivos – sexuais (WEBER, 2018).

A sexualidade está diretamente ligada ao sujeito, ela deve ser discutida não apenas como uma característica biológica, mas, de uma forma multidimensional. O sexo não tem como finalidade apenas a perpetuação da espécie humana, mas também a afetividade e o erotismo, que são fundamentais para o bem-estar psicológico e emocional (CAVALHEIRO; SOARES; MAIO, 2019).

À medida que os laços sociais foram sofrendo mudanças a sexualidade foi sendo desconstruída e reconstruída à medida que os laços sociais foram sofrendo mudanças. Atualmente, amores correspondidos ou não, relações afetivas – sexuais iniciadas e desfeitas, fotos e vídeos íntimos, podem ser compartilhados e vistos por uma multidão de espectadores independentemente de fronteiras ou demarcações territoriais fixas. A solidão pode ser resolvida com aplicativos de encontros, o desejo sexual pode ser satisfeito em plataformas digitais de serviços sexuais e esse novo modo de vivenciar a sexualidade foi potencializado pelo contexto de isolamento social e pandemia (FLACH; DESLANDES, 2017).

No contexto da pandemia, para vivenciar a sexualidade, houve o aumento considerável do consumo de sites pornográficos, com incremento da prostituição por meios digitais, da masturbação, das postagens de teor sexual nas plataformas digitais (LEHMILLER *et al.*, 2010). Também, chama a atenção o consumo de pornografia e sexo *online* relacionando algum tipo de fantasia sexual e coronavírus, muitos usuários utilizaram máscaras descartáveis, luvas e álcool em gel no momento do sexo (ZATTONI *et al.*, 2020).

Alpalhão e Filipe (2020), em seu estudo questiona-se sobre as mudanças na maneira como as pessoas vivem sua sexualidade e a possibilidade de comportamento de risco, sendo essa uma indagação necessária quando se pensa nos desfechos possíveis relacionados a essa temática. Portanto, a própria utilização das plataformas digitais para a vivência da sexualidade no contexto de isolamento pode oferecer riscos à saúde (ALPALHÃO; FILIPE, 2020).

Nesse sentido, é importante destacar que relações amorosas e o laço afetivo entre as pessoas, em tempos de incerteza como a pandemia, mostram-se, como um aspecto fundamental na qualidade de vida e bem-estar dos indivíduos (ALVES, 2020). Desse modo, torna-se essencial a assistência à saúde sexual, com vistas à promoção, prevenção e cuidado de agravos relacionados à vivência da sexualidade através das mídias digitais, tarefa essa que não é simples devido à alta complexidade que envolve o cuidado dessa nova dimensão dos relacionamentos afetivos (RESENDE *et al.*, 2020).

Desse modo, tem-se como questionamento: “Como a pandemia de COVID-19 influenciou o comportamento sexual de usuários(as) de plataformas digitais para relacionamento afetivo/sexual?” Com vistas a encontrar respostas para a pergunta em questão, o presente estudo tem como objetivo identificar os comportamentos sexuais de usuários(as) de plataformas digitais para relacionamento afetivo/sexual, em tempos de coronavírus. Essa pesquisa mostra-se relevante uma vez que se propõe a discutir questões essenciais para a saúde mental diante do novo contexto de vida imposto à população.

## MÉTODO

Estudo qualitativo, exploratório e descritivo, fruto do trabalho desenvolvido na modalidade iniciação científica (IC), cuja natureza atribui importância aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos acerca do comportamento afetivo/sexual de usuários(as) de plataformas digitais em tempo de pandemia por COVID-19.

Adotou-se como critérios de inclusão de participantes: ser pessoa de ambos os sexos, usuários(as) de plataformas digitais no geral; e, como critérios de exclusão: ser menor de 18 anos. A coleta para produção dos dados foi realizada a partir da aplicação de um questionário semiestruturado auto aplicado - composto por seis perguntas de cunho sociodemográfico, as quais incluíam a idade no momento da coleta e informações de contato,

de modo a assegurar que não houvesse duplicidade nas respostas ao formulário e sete questões, que abordaram o objeto da pesquisa em questão - elaborado e aplicado através do *Google Formulário*® contendo, inicialmente, o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) com informações sobre a pesquisa, objetivos, riscos, benefícios e medidas de confidencialidade, sendo adotada a letra R, seguido de um número, baseado na ordem de participação na pesquisa. As pessoas que aceitassem participar da pesquisa, precisavam anteriormente assinalar sim no google formulários, afirmando que leu, compreendeu e autorizava a participação no estudo; após essa confirmação, seguia para as seções com coletas das informações requeridas. No formulário foram dispostas orientações sobre como melhor manusear a tecnologia e, logo, o instrumento de coleta de dados, a exemplo do único clique e dispor o cursor do *mouse* sobre a linha a ser escrita.

O convite para participação na pesquisa se deu por meio de divulgação nas redes sociais – *Instagram*® e *Facebook*®, compartilhamento no aplicativo de conversa, ou outros meios (e-mail e videochamadas). O instrumento de pesquisa foi disponibilizado às(aos) participantes, mediante envio do link, através do e-mail e aplicativos. Para inclusão de participantes no estudo foi utilizada a técnica Bola de Neve (*snowball sampling*), a partir da qual depoentes convidam novos(as) participantes (VINUTO, 2014). Para fazer parte do estudo a(o) participante era convidada(o) a ler o TCLE e assinalar a opção de aceite.

Formulários com resposta da(o) mesma(o) participante não foram contabilizados e a privacidade foi protegida mediante a utilização da nuvem de palavras que não identifica as(os) depoentes. Todas(as) (as)os respondentes foram incluídos e as respostas de todos(as) participantes foram dispostas no programa Excel® em forma de tabela. Em seguida, foi realizada a construção do corpus com os dados coletados ou observados pelo pesquisador e classificação em temas ou categorias para auxiliar na compreensão do que está por trás dos discursos. Optou-se pela técnica de análise de conteúdo temática que se constitui na organização dos discursos em três fases: pré-análise exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação (MENDES; MISKULIN, 2017).

Após a organização, o material foi analisado, a partir de codificação de unidade de registro. Em seguida, a partir das respostas foram alcançadas as seguintes categorias: 'motivos que contribuíram para o uso de plataformas digitais', 'vivência da sexualidade durante a pandemia', 'uso de plataformas digitais durante a pandemia', 'noção de risco à saúde durante a pandemia' e 'vivência da sexualidade'. Por fim, a interpretação e inferência dos resultados se constituiu na análise comparativa entre todas as categorias existentes, em que se observou tanto os aspectos semelhantes quanto os elementos diferentes na fala das(os) depoentes.

Em seguida, as respostas foram dispostas no processador de texto *Word*®, a partir disso, foi realizada a elaboração de um novo corpus para análise textual no software *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ) alpha2, que viabilizou uma gama de possibilidades de análise dos dados, principalmente no que se refere às questões de representações gráficas (SALVIATI, 2017).

Neste trabalho, optou-se pela utilização da nuvem de palavras que possibilitou a confirmação das cinco categorias estabelecidas a partir dos temas apresentados.

Ressalta-se que todos os dados foram analisados mediante as codificações das participantes, para garantir a segurança e confidencialidade no compartilhamento das informações, sendo que apenas uma das pesquisadoras tinha acesso as respostas primárias do google formulário, de modo que a transposição dos dados para as planilhas Excel e documento Word® foi realizada de modo codificado para análise das demais autoras.

Por tratar-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, este estudo foi guiado pelo COREQ - *Consolidated criteria for reporting qualitative research*, cujo checklist resguarda um padrão mínimo e contribui para aumentar a fidedignidade do estudo desta natureza (TONG; SAINSBURY; CRAIG, 2007).

O protocolo de pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília, designado pela Plataforma Brasil, sob Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 37053620.7.0000.0023 e aprovado pelo Parecer 4.487.491 atendendo as Resoluções nº 466/2012, nº 510/2016 e nº 580/2018 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que versam sobre pesquisas com seres humanos e em ambientes virtuais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 75 pessoas com idades variadas entre 18 e 59 anos, a maioria solteira (61,3%), e heterossexual (58,6%). As(os) depoentes (56%) afirmaram estar cursando graduação e 69,3 % afirmou receber mensalmente de 1 – 4 salários-mínimos.

Na análise do conteúdo temática, as cinco categorias estabelecidas possibilitaram observar que a quarentena imposta pela pandemia teve implicações nos relacionamentos afetivos/sexuais. O discurso das (os) participantes demonstrou o impacto negativo que a quarentena compulsória trouxe à sexualidade. A palavra ‘pandemia’ correlacionada aos termos mais frequentes na nuvem de palavras (Figura 1) aponta a percepção das(os) participantes sobre o novo vírus e como este vírus impactou negativamente o contato entre as pessoas.

Os dados das entrevistas foram lematizados e agrupados por significados semelhantes e processados com o auxílio do *software IRAMUTEQ Alpha2*, o qual conformou a figura 1.



Figura 1 – Nuvem de palavras elaborada com auxílio do software Iramuteq Alpha2, Brasília, DF, Brasil, 2021 (n=75).

A nuvem de palavras apresenta-se mediante a correlação dos termos mais frequentes e dá visibilidade aos mais relevantes, cuja aparência se destaca em tamanho. Percebe-se, a partir desses parâmetros, que o termo ‘pessoa’ é o mais relevante entre as(os) participantes desta pesquisa, sendo o elemento de destaque em termos de frequência. Registra-se ainda a ocorrência de termos relacionados à vivência da sexualidade, ‘relação’, ‘sexual’, ‘sexo’, bem como palavras relacionadas com a tecnologia digital, representado por ‘aplicativo’, ‘usar’, ‘uso’, a partir do contexto pandêmico, evidenciado pelo termo ‘pandemia’, com alta frequência. Outros termos também se referem ao mundo virtual, a exemplo do ‘Tinder’, como plataforma de frequente uso entre o grupo investigado.

## **Motivos que contribuiriam para o uso de plataformas digitais**

O medo do contágio do vírus causador da Covid-19 mostrou-se como principal motivador do isolamento social, como pode ser visto nos excertos abaixo:

Complicado [a vivência da sexualidade], não posso me arriscar por ter uma pessoa de risco em minha casa e arriscar a vida de outro indivíduo. Prefiro ficar sem sexo (R18).

PÉSSIMO [a vivência da sexualidade], sem transar desde julho, tendo que lutar contra meu desejo de ter alguém pelo fato de não ter segurança suficiente para isso (R20).

Relacionar-se fisicamente durante a pandemia, tornou-se sinônimo de risco à saúde. É evidente no discurso das(os) participantes a noção de que o contato físico oferece chances de adquirir a infecção pelo novo coronavírus, porém, chama a atenção a quantidade de depoentes que ponderam ignorar o risco de contágio, ou encontrar outros meios, para manter o sexo no cotidiano:

É algo complicado [sexo na pandemia], porque sexo é algo físico e por consequência da covid as pessoas estão cada vez mais afastadas por causa do isolamento, a procura por outros meios de prazer aumentam e tem pessoas que preferem correr o risco e ir cometer o ato sexual, aí vai de cada um qual escolha será mais benéfica para sua necessidade (R56).

Um risco [sexo na pandemia], mas ao mesmo tempo, pegar ônibus e metrô é um risco, mercado, padaria, lazeres em geral, tudo é um risco. O tesão fala mais alto que o medo (R28).

O sexo é considerado uma forma de modular o estresse, proporcionar bem-estar físico e mental e, também, constitui um aspecto essencial na dinâmica de relacionamentos afetivos (LEHMILLER, 2017). É compreensível que o grupo investigado ressalte a ligação afetiva entre as pessoas, uma vez que as palavras ‘relação’, ‘relacionamento’ e ‘parceiro’ foram proeminentes na nuvem de palavras. Então, sob essa perspectiva, a possibilidade de abstinência sexual involuntária advinda do isolamento social, pode causar angústia e sofrimento psicológico, o que é insuportável para algumas pessoas, as quais tem como caminho a opção pelo risco de contágio a ficarem sem sexo (RAO; BANERJEE, 2020).

## Vivência da sexualidade durante a pandemia

O sexo é considerado uma forma de modular o estresse, proporcionar bem-estar físico e mental e, também, constitui um aspecto essencial na dinâmica de relacionamentos afetivos (USHER; BHULLAR; JACKSON, 2020; ALVES, 2020). É compreensível que o grupo investigado ressalte a ligação afetiva entre as pessoas, uma vez que as palavras 'relação', 'relacionamento' e 'parceiro' foram proeminentes na nuvem de palavras. Então, sob essa perspectiva, a possibilidade de abstinência sexual involuntária advinda do isolamento social, pode causar angústia e sofrimento psicológico, o que é insuportável para algumas pessoas, as quais tem como caminho a opção pelo risco de contágio a ficarem sem sexo (RAO; BANERJEE, 2020; WEBER, 2018).

Diante da impossibilidade do contato físico, a sexualidade ganhou novas formas e tem sido vivida, com frequência, por meio da tela de smartphones, tablets e computadores (PRIMO, 2020). Os termos 'sexo' e 'sexual' foram evidenciados na nuvem de palavras, o que demonstra o desejo dos (as) participantes por sexo, contato íntimo.

Evidenciou-se, na fala das(os) participantes, que a falta de sexo é o principal elemento para procura por plataformas digitais de relacionamento, como exposto abaixo:

É uma boa opção para o momento que estamos presenciando [sexo por meios digitais], passa a ser uma forma de se conhecer e conhecer desejos sexuais próprios, evitando a contaminação do novo coronavírus (R60).

Acho que é uma possibilidade viável, [sexo por meios digitais], que para mim não substitui o sexo presencial, mas satisfaz minha necessidade de explorar a sexualidade com outra pessoa. A experiência pode ser tão intensa quanto alguns encontros presenciais (R47).

## Uso de plataformas digitais durante a pandemia

A solidão, o tédio e o estresse são elementos que têm contribuído para o maior acesso às mídias digitais para sexo (LEHMILLER, 2017; PRIMO, 2020). A razão disso está atribuída à busca de novidades para reduzir a monotonia causada pela quarentena, e, também, aumentar a excitação, conforme pode ser visto nas falas a seguir:

[como se deu o uso de plataformas digitais na pandemia]. Antes do corona, porém [por conta da pandemia] se tornou ainda maior por um tempo, por conta de todo tempo em casa traz mais carência em certos dias sozinhas, querendo um parceiro (R20).

Desse modo, mídias digitais se tornaram as principais mediadoras das relações sociais e afetivas, sendo utilizadas como estratégias de enfrentamento ao distanciamento e, também, constituindo como uma das poucas formas de adaptação aos limites impostos pelo novo vírus (OLIVEIRA, CARVALHO, 2020). As pessoas têm buscado mais contato com amigos através de plataformas digitais e, portanto, tem permanecido mais tempo *on-line* (DE PAULO, DAMAZIO, QUARESMA, 2020). Houve um intenso aumento no uso de aplicativos de relacionamento, com acréscimo de novos usuários, antes alheios à cultura digital.

Quando questionadas(os) sobre a frequência do uso de plataformas digitais no contexto da pandemia, as(os) participantes divergiram, parte das(os) depoentes afirmou não ter interesse ou nunca ter usado mídias digitais para sexo:

Não faria [sexo por plataformas digitais], porém não julgo, não cometendo nenhum crime, cada um acho seu jeito de sentir prazer (R61).

Não tenho curiosidade, acho que não me satisfaria [sexo por plataformas digitais], (R62).

Outros, a maioria, relatou aumento do uso de aplicativos e sites para relacionamentos afetivos. Nota-se que a palavra ‘aplicativo’ teve considerável frequência na fala das(os) participantes, o que pode ser visto na nuvem de palavras, além disso, os termos ‘achar’, ‘usar’, ‘uso’ e ‘conhecer’, também conotam o emprego de aplicativos de relacionamento afetivo e sexual pelos (as) participantes. O uso de plataformas digitais para sexo, entre as(os) depoentes, se deu principalmente através do envio de fotos nuas, sexo por videochamada, consumo de pornografia e masturbação.

Sim [utilizou plataformas digitais], encontrei algumas pessoas através do Tinder® e tive relações com algumas delas. (R27)

Sim [usei de plataformas digitais na pandemia], masturbação mútua durante videochamadas (R40).

Durante a pandemia houve um aumento nas pesquisas de conteúdo pornográfico, vendas de brinquedos sexuais, downloads de aplicativos de namoro e aumento de postagens com tema erótico nas redes sociais, e não somente isso, também houve novos acréscimos à vida sexual com intensificação no envio de fotos com exposição de partes do corpo, maior compartilhamento de fantasias sexuais, mais frequência no sexo por videochamada, masturbação e consumo de pornografia (LEHMILLER *et al.*, 2010). Isso foi mencionado pelas(os) participantes da pesquisa:

Sim [relações sexuais através das plataformas digitais], com vários[parceiros] inclusive, às vezes dava vontade, fazíamos por chamada de vídeo, ele se masturbando lá e eu aqui. (R28)

Sim [relações sexuais através das plataformas digitais], trocas de nudes e videochamadas. (R21)

Assim, embora a incorporação de novas atividades sexuais tenha trazido melhorias, essas inovações não suprimiram por completo a necessidade do contato corpo-a-corpo, ressaltando a importância da conexão física entre as pessoas. A palavra ‘pessoa’, elemento que mais se destaca a partir do critério de frequência na nuvem de palavras, revela a busca das(os) participantes pela aproximação, pelo conhecer, pelo contato com o outro para a vivência sexual. A sexualidade não tem apenas o fim de procriação, e sim prazer, afetividade e erotismo, sendo necessária para a felicidade e a satisfação dos indivíduos em seus relacionamentos interpessoais (USTUN, 2020).

É comum no discurso das(os) depoentes a ressalva de que apesar de ter sido útil, a vivência sexual de forma virtual não supre a necessidade de contato pessoa - pessoa:

No contexto de pandemia foi necessário [o uso de plataformas digitais]. Acho bom, mas nada supera o contato físico. (R21)

Ruim, [o uso das plataformas digitais para sexo], pois o sexo virtual por meio de videochamadas obviamente não é igual à relação sexual presencial. (R40)

## **Noção de risco à saúde durante a pandemia**

A prática sexual possui um papel crucial para a saúde emocional e psicológica dos indivíduos. O homem é, em essência, um ser sexual, portanto, usufruir da intimidade sexual pode ser vital para sustentar a saúde mental, dessa forma, a quantidade e a qualidade reduzida de sexo no contexto da pandemia podem tornar os sujeitos emocionalmente vulneráveis (ZATTONI *et al.*, 2020), como exposto abaixo:

É complicado não poder ter o toque de outra pessoa, ter o carinho, o afeto no qual éramos acostumados e muitas vezes, quando estamos sozinhos, nos sentimos insuficientes e carentes no meio disso tudo. Começamos a buscar por algo fixo, um/a namorado/a mesmo sabendo que essa louca vontade de ter alguém não passa de algo momentâneo explicitado pela carência que a pandemia nos faz sentir. (R21)

Com o advento da COVID-19 o distanciamento social retardou a propagação do vírus e forçou os indivíduos a reprimirem ou modificarem o comportamento sexual. Embora as consequências dessa situação ainda sejam incertas, as discussões científicas apontam que a diminuição das oportunidades sexuais entre as pessoas pode levar a importantes impactos à saúde mental (USTUN, 2020; NOVELLI, 2020).

A pandemia causada pela COVID-19 pode provocar um amplo espectro de manifestações de adoecimento mental e a morbimortalidade secundária ao comprometimento da saúde mental, tende a superar a relacionada a infecção propriamente dita, podendo haver precipitação de transtornos mentais em pessoas sem doença mental e agravamento daqueles com alguma doença mental pré-existente (LLEWELLYN, 2020). A fala do participante corrobora esta ideia:

A necessidade do isolamento social interferiu na minha vida sexual. Sou noiva, caso ainda esse ano, e devido a minha profissão (fisioterapeuta) e o estresse que minha categoria vivenciou principalmente no primeiro semestre de 2019, necessitei de acompanhamento psicológico e psiquiátrico, o que ocasionou a administração de medicações e interferiu diretamente na libido. Meu noivo é meu melhor amigo e me apoiou o tempo inteiro. Mas tenho certeza que muitas mulheres viveram situações semelhantes e não tiveram acolhimento de seus parceiros ou parceiras. (R32)

Do ponto de vista psicológico, o distanciamento social tornou os indivíduos, de modo geral, mais propensos a quadros depressivos e ansiosos, como tristeza, desânimo, medo e solidão. A revisão da literatura que relaciona o coronavírus e o bem-estar mental, demonstrou intensificação dos sintomas de ansiedade e depressão. Os participantes deram sinais de sofrimento emocional ao atribuir a necessidade de consumo de sexo *online*, para suprir os sentimentos de solidão e tédio (WEBER, 2018; FLACH; DESLANDES, 2017). O relato dos entrevistados também demonstra esta realidade:

[Uso de plataformas digitais para sexo] nos momentos em que há mais carência de comunicação e atração. (R 34)

Ultimamente não uso mais [plataformas digitais para sexo], porém quando me sentia carente usava para suprir carência. (R45)

### **Vivência da sexualidade frente às imposições sanitárias**

O consumo de pornografia e sexo *online* tem sido utilizado como importantes mecanismos de enfrentamento ao estresse causado pelo isolamento social, e, também, para enfrentar o receio de contágio pelo coronavírus. Em março de 2020, 1,8 milhões de buscas relacionando a algum tipo de fantasia sexual e coronavírus foram feitas nos principais sites de pornografia do mundo, incluindo sexo virtual com uso de máscaras, luvas e álcool em gel (ZATTONI *et al.*, 2020). O motivo por trás disto seria a erotização do medo, o fato de praticar sexo, mesmo de forma virtual, usando como fetiche os principais símbolos de combate ao vírus, o que traz uma sensação momentânea de bem-estar e confiança, como se os limites de contato físico fossem superados, mesmo diante da permanência do novo vírus (LEHMILLER, 2017; PRIMO, 2020). Observa-se assim, uma ‘fetichização’ da pandemia, contexto que pode deflagrar riscos à saúde e maior vulnerabilidade para a mulheres e crianças, pontos destacados por um(a) participante:

É uma prática comum [sexo virtual] com o surgimento da tecnologia. Os indivíduos estão distantes um do outro, então praticam o ato consigo mesmo (masturbação). A meu ver é um ato que traz vícios consigo, como a pornografia, incentivando a objetificação da mulher, até pedofílias e em minha opinião essa indústria deve acabar. (R56)

Dada a relevância da sexualidade, especialmente no que se refere a qualidade de vida, se faz mister que as(os) profissionais de saúde, de modo geral, estejam atentos(as) aos riscos à saúde, as queixas relacionadas, questionando os indivíduos sobre a vivência da sexualidade na pandemia, sempre levando em consideração as influências socioculturais, o estigma associado e as variadas facetas da sexualidade (RAO; BANERJEE, 2020). Diante desse cenário, a Atenção Primária de Saúde (APS) a partir do modelo da Estratégia de Saúde da Família (ESF), ganha um importante destaque, uma vez que se consolida como modelo prioritário para a promoção da saúde e prevenção de doenças.

Pensando na temática discutida nesta pesquisa, a ESF mostra-se capaz de identificar, de forma precoce, comportamentos sexuais de risco, sinais e sintomas de vulnerabilidade emocional e elementos que potencializam prejuízos à sexualidade. A assistência em saúde, nesse contexto, pode ser prestada de forma segura através de tecnologias de baixa densidade e custo, mas altamente eficazes como atendimento por telefone, mensagens, videochamadas ou visitas domiciliares, respeitando protocolos de segurança (RESENDE *et al.*, 2020). Sendo assim, destaca-se a educação em saúde como ferramenta utilizada pela(o) profissional para investir no empoderamento e autonomia dos indivíduos, contribuindo para torná-los sujeitos ativos no autocuidado (ALVES, 2020).

Nesse sentido, à medida que o tempo de distanciamento social se estende, a vivência da sexualidade através dos meios digitais cresce em um ritmo dramático, moldando uma nova forma de abordar as relações afetivos/sexuais, o que torna o investimento no autocuidado imprescindível para o empoderamento e liberdade dos sujeitos. Embora pareça uma boa solução, o impacto real do uso das plataformas digitais para a vivência da sexualidade ainda não pode ser mensurado. Porém, em relação à atenção à saúde sexual, requer a construção de novos saberes e olhares, proporcionando novas dimensões de cuidado da sexualidade. Sendo assim, a pandemia e a vivência da sexualidade podem trazer um movimento de aprendizado, tanto para as(os) profissionais quanto para as(os) usuárias(os) do Sistema único de Saúde (SUS).

Nesse contexto, a intervenção em saúde, por parte da ESF, deve estar pautada no respeito às singularidades, e pode desenvolver-se a partir da reorientação das práticas profissionais, da orientação quanto ao contato físico para vivência da sexualidade, tempo de uso das mídias, auto exposição e identificação de sinais e sintomas que dão pistas de sofrimento mental. Outra importante intervenção em saúde, no contexto da pandemia, é a elaboração de conhecimento técnico - científico relacionado à saúde sexual, logo, profissionais de saúde podem se tornar mediadores na produção de informações seguras e no compartilhamento de conhecimento de forma clara e de fácil compreensão, contribuindo para o protagonismo dos sujeitos envolvidos na vivência da sexualidade (ALPALHÃO; FILIPE, 2020).

Nesse sentido, torna-se essencial o redirecionamento das práticas de cuidado em saúde sexual voltado para as novas formas de viver a sexualidade motivadas pela pandemia. Esse é um cenário desafiador, uma vez que as formações e os serviços de saúde, de modo geral, preservaram, até então, modos de operacionalizar esse cuidado de forma bastante tradicional, com o olhar frequentemente direcionado aos contextos reprodutivos.

Estudos sobre sexualidade e uso das plataformas digitais no Brasil ainda são incipientes. Em outros países, há discussões científicas que relacionam a sexualidade no contexto da pandemia nos diversos cenários, principalmente na saúde mental, mas poucas abordaram o uso das plataformas digitais (NOVELLI, 2020).

O desenvolvimento da pesquisa apresentou algumas barreiras, como o acesso reduzido à população alvo, sobretudo pela dificuldade de aproximação e apresentação da pesquisa aos participantes. Ademais, a familiaridade limitada e/ou inadequada do uso da tecnologia pode ser considerada como um limitador neste estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo foi possível identificar que durante a pandemia houve a utilização de aplicativos e sites para o relacionamento afetivo e sexual, sobretudo através do compartilhamento de imagens, da demonstração do corpo, prática sexual mediante videochamada, consumo de pornografia e troca de masturbação entre o casal.

Devido à dificuldade relacionada ao contato sexual, as(os) participantes da pesquisa recorreram a tecnologia para a vivência da sexualidade e, portanto, aumentaram de maneira significativa, a frequência de acesso e o tempo de conexão em mídias digitais para namoro e sexo. Além da falta de sexo, a sensação relacionada ao ócio, solidão e abstinência sexual foram apontados como os principais responsáveis pelo aumento na procura de encontros virtuais. Embora as(os) depoentes tenham demonstrado noção do risco quanto ao contato físico e consequente possibilidade de contrair Covid, boa parte afirmou a disposição de romper com a quarenta para vivenciar a sexualidade e o ato sexual no seu cotidiano.

O estudo aponta que as relações afetivas e sexuais através da internet, aparentemente não suprimiram por completo a necessidade de prazer, desse modo, a ausência do contato físico pareceu impactar negativamente na saúde mental das(os) participantes do estudo.

## REFERÊNCIAS

ALPALHÃO, M.; FILIPE, P. **The Impacts of Isolation Measures Against SARS-CoV-2 Infection on Sexual Health.** *AIDS and Behavior*, v. 24, n. 8, p. 2258–2259, 2020.

ALVES M. T. G. **Reflexões sobre o papel da Atenção Primária à Saúde na pandemia de COVID-19.** *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v. 15, n. 42, p. 2496, 2020.

CAVALHEIRO, A.S.; SOARES, R.L.; MAIO, E. R. **O pensamento queer sobre os corpos que existem: E a emergência de falar em sexualidade sobre a forma de subversão a normatividade.** *Momento - Diálogos em Educação*, v. 28, n. 3, p. 112-127, 2019.

DE PAULO, B.; DAMAZIO, V.; QUARESMA, M. **Looking through the window: emotional experiences of Instagram users in isolation.** *Strategic Design Research Journal*, v. 13, n. 3, p. 586-598, 2020.

FLACH, R.M.D.; DESLANDES, S. F. **Cyber dating abuse in affective and sexual relationships: a literature review.** *Cadernos De Saude Publica [Internet]*, v. 33, n. 7, p. e00138516, 2017.

LEHMILLER, J. J. et al. **Less Sex, but More Sexual Diversity: Changes in Sexual Behavior during the COVID-19 Coronavirus Pandemic.** *Leisure Sciences*, v. 43, n. 1, p. 1-10, 2020.

LEHMILLER, J. J. **The Psychology of Human Sexuality [Internet]**. Google Books: John Wiley & Sons, 2017.

LLEWELLYN, S. **Covid-19: how to be careful with trust and expertise on social media**. *BMJ*, v. 368, 2020.

MENDES, R.M.; MISKULIN, R. G. S. **A análise de conteúdo como uma metodologia**. *Cadernos de Pesquisa [Internet]*, v. 47, n. 165, p. 1044-1066, 2017.

NOVELLI, G. V. C. **O conceito de vontade de Schopenhauer e alguns desdobramentos na Psicanálise freudiana**. *Cadernos PET-Filosofia [Internet]*, v. 18, n. 1, 2020.

OLIVEIRA L, CARVALHO J. **The Link Between Boredom and Hypersexuality: A Systematic Review**. *The Journal of Sexual Medicine*, v. 15, n. 5, p. 994-1004, 2020.

OLIVEIRA, W. K. de. et al. **Como o Brasil pode deter a COVID-19**. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, n. 2, p. e2020044, 2020.

PRIMO, A. **Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19**. *Comunicação & Inovação [Internet]*, v. 21, n. 47, 2020.

RAO, T. S.; BANERJEE D. **Sexuality, sexual well being, and intimacy during COVID-19 pandemic: An advocacy perspective**. *Indian Journal of Psychiatry*, v. 62, n. 4, p. 418-426, 2020.

RESENDE, A. C. A. P. et al. **Ações em saúde sexual e reprodutiva: garantindo a assistência em tempos de COVID-19 [Internet]**. *The Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 5, p. 13052-13063, 2020.

RIBEIRO NETO, A.; CECCARELLI, P. R. **Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais**. *Reverso [Internet]*, v. 37, n. 70, p. 15-22, 2015.

SALVIATI, M.E. **Manual do Aplicativo Iramuteq (versão 0.7 Alpha 2 e R Versão 3.2.3)**. Planaltina, p. 93, 2017.

TONG, A.; SAINSBURY, P.; CRAIG, J. **Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups**. *International Journal for Quality in Health Care*. [internet], v. 19, n.6, p. 349-357, 2007.

USHER, K.; BHULLAR, N.; JACKSON, D. **Life in the pandemic: Social isolation and mental health**. *Journal of Clinical Nursing*, v. 6, n. 29, p. 15-16, 2020.

USTUN, G. **Determining depression and related factors in a society affected by COVID-19 pandemic**. *International Journal of Social Psychiatry*, v. 67, n.1, p. 54-63, 2020.

VINUTO, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa**. *Temáticas*, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WEBER, M. et al. **Gender Differences in Escapist Uses of Sexually Explicit Internet Material: Results from a German Probability Sample**. *Sexuality & Culture*, v.22, n.4, p. 1171-1188, 2018.

ZATTONI, F. et al. **The impact of COVID-19 pandemic on pornography habits: a global analysis of Google Trends**. *International Journal of Impotence Research [Internet]*, p.1-8, 2020.